

CROMATISMO COMO PROJETO: A COR NA ARQUITETURA UTÓPICA DE RICARDO BOFILL

BRUNNA PEREIRA DE OLIVEIRA¹; BRUNA ANTIQUEIRA²; DARLAN ROSA³;
NATALIA NAOUMOVA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – brunnapo26@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bsantiqueira@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – darlan6367@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – naoumova@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A cor, na arquitetura, muitas vezes é tratada como mero acabamento, pensada como adição estética posterior às definições formais e funcionais. De acordo com BARROS (2001) a tradição moderna, em grande parte, priorizou a racionalidade formal e a neutralidade cromática, reduzindo a cor a uma camada secundária frente à função e à técnica. No entanto, ela pode assumir papel estruturante na configuração do espaço, na construção de atmosferas e na comunicação simbólica, orientando percursos, reforçando identidades e produzindo atmosferas sensoriais. (MAHNKE, 1996; FARINA, 1986).

Sob esse contexto, Ricardo Bofill - arquiteto catalão de destaque no cenário pós-moderno -, demonstrou um domínio singular quanto ao uso da cor como ferramenta compositiva. Em projetos como Walden 7 (1973 - 1975) e La Muralla Roja (1968 - 1973), localizados na Espanha, Bofill propõe uma ruptura com a visão moderna da cor como elemento secundário e a converte em parte essencial desses projetos. Nesse sentido, a cor não apenas reforça a volumetria, mas se torna parte fundamental da narrativa projetual (NAJA, 2025).

Ambos os projetos são fortes representantes do estilo neoexpressionista e pós-modernismo utópico, empregando paletas cromáticas vibrantes, como vermelhos, ocres, azuis e violetas, que reforçam a volumetria e, ao mesmo tempo, produzem efeitos sensoriais e simbólicos.

Assim, a partir de teorias cromáticas clássicas e contemporâneas vistas em GOETHE (2001) e FARINA (1986), este artigo propõe analisar comparativamente Walden 7 e La Muralla Roja, buscando compreender como o cromatismo atua não apenas como linguagem estética, mas como mecanismo de mediação entre espaço, forma e experiência. Considerando a geografia da cor e a psicodinâmica cromática, pretende-se evidenciar como as escolhas cromáticas de Bofill estruturam a espacialidade, reforçam identidades e produzem espaços que alternam entre introspecção, profundidade, envolvimento e exotismo ao produzir uma arquitetura ao mesmo tempo que habitável, cênica.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, comparativo e exploratório, articulando análise teórica e estudo de caso, com ênfase na percepção sensorial, simbólica e formal da cor na arquitetura. A escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de compreender a cor não apenas como elemento estético, mas como recurso estruturante do espaço, capaz de mediar experiências e significados.

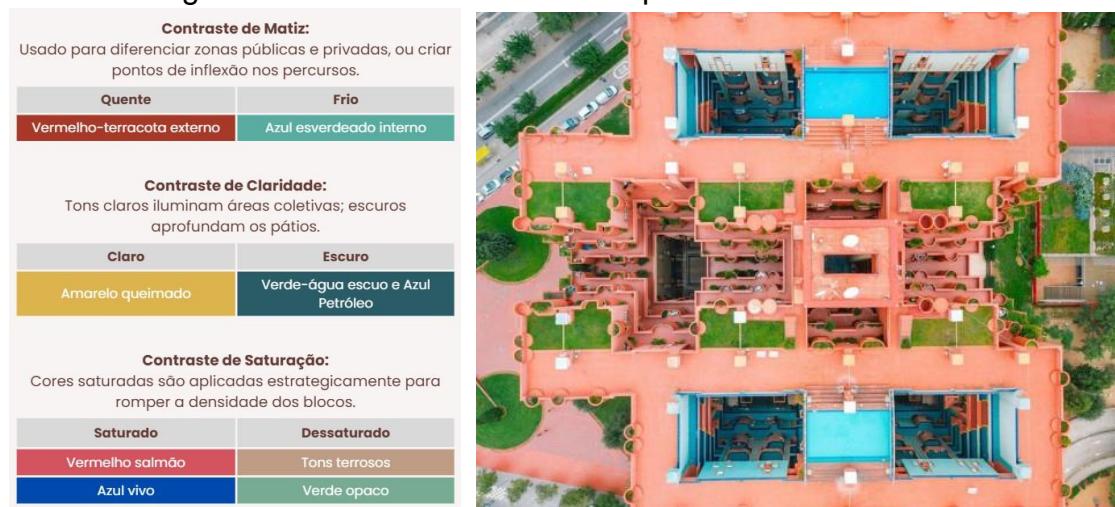
A primeira etapa foi realizada a partir da leitura crítica de fontes primárias e secundárias sobre cor na arquitetura e percepção visual (LENCLÔS, 1995, 1999; MEYER, 2002; MAHNKE, 1996). Após a revisão bibliográfica, o estudo avançou para a análise comparativa dos projetos de Ricardo Bofill, Walden 7 e La Muralla Roja. A escolha desses exemplares se deu por ambos serem representativos do uso inovador da cor e por apresentarem abordagens distintas dentro de um mesmo contexto estilístico neoexpressionista e pós-moderno. Isso permitiu compreender como a cor atua tanto na orientação quanto na construção de atmosferas sensoriais e simbólicas. As análises foram realizadas por meio das plantas baixas, fotografias e registros digitais de cada um dos projetos. Para sintetizar as comparações, elaborou-se quadros analíticos e esquemas visuais que evidenciam as estratégias compostivas da cor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de Walden 7 e La Muralla Roja permitiu evidenciar o uso da cor como instrumento projetual que atua não apenas como recurso estruturante, mas também simbólico e sensorial nos projetos de Bofill. Nesse sentido, as Figuras 01 e 02, sistematizam os contratantes de matiz, claridade e saturação dos dois exemplares, demonstrando funções distintas em cada projeto: ora como sistema de orientação e codificação espacial, ora como recurso simbólico e emocional.

Sob essas perspectivas, pode-se chegar à conclusão de que em Walden 7, os contrastes cromáticos são aplicados de modo sistemático, conferindo legibilidade e identidade ao conjunto habitacional. Subordinada a forma, a cor reforça eixos, volumes e circulações. Já em La Muralla Roja, os contrastes são explorados como linguagem autônoma: cada plano cromático funciona como campo independente, fragmentando a geometria e produzindo uma paisagem que se transforma ao longo do dia. Assim, cada obra revela estratégias próprias de composição, mas ambas confirmam a cor como elemento central do projeto.

Figura 01: Síntese dos contrastes presentes no Walden 7.



Fonte: quadro elaborado pelos autores (2025); Imagem: Naja (2025).

Figura 02: Síntese dos contrastes presentes no La Muralla Roja.

Contraste de Matiz:	
Usado para fragmentar volumes e criar ritmos visuais fortes.	
Quente	Frio
Vermelho-salmão	Azul celeste
Magenta	Violeta
Contraste de Claridade:	
Planos claros para projeção e escuros para profundidade.	
Claro	Escuro
Lilás	Violeta escuro
Azul celeste	Azul petróleo
Contraste de Saturação:	
Dinamiza e altera a percepção da volumetria. Planos principais e frontais x áreas protegidas e voltadas ao céu	
Saturado	Dessaturado
Magenta	Rosa esmaecido
Azul intenso	Lilás



Fonte: quadro elaborado pelos autores (2025); Imagem: Naja (2025).

Além da dimensão formal, observou-se a função simbólica e cultural das cores aplicadas nos exemplares, conforme pode ser observado na Figura 03. No Walden 7, o terracota e o vermelho remetem à tradição local e à coletividade, enquanto tons frios nos interiores promovem introspecção e conforto. Em La Muralla Roja, cores vibrantes como magenta, azul e violeta evocam a herança árabe-andaluza e a paisagem mediterrânea, integrando o espaço ao entorno e estimulando diferentes estados emocionais.

Figura 03: Sistematização dos simbolismos presentes na aplicação da cor de Walden 7 e La Muralla Roja.

	CATEGORIA	COR	SIMBOLISMO	IMAGEM
Walden 7	Cor dominante externa	Vermelho-terracota	Terra, densidade e calor	
	Detalhes internos	Vermelho salmão	Profundidade e contraste	
	Refresco interior	Verde-água	Recolhimento e tranquilidade	
	Orientação espacial	Amarelo queimado	Destaque e percepção hierárquica	
	Contraste quente e frio	Azul esverdeado	Transição entre áreas funcionais	
	Delimitação de espaços	Azul	Demarcação de limites e peso visual	
La muralla roja	Matiz quente principal	Vermelho salmão	Afetividade e intensidade	
	Matiz frio principal	Azul petróleo	Profundidade e contraste	
	Cor intermediária	Lilás acinzentado	Transição e sombra suave	
	Contraste dramático	Magenta escuro	Fragmentação formal	
	Claridade projetiva	Azul celeste	Ampliação do plano	

Fonte: quadro elaborado pelos autores (2025)

Assim, a comparação entre os exemplares analisados permite compreender que o cromatismo, ao mesmo tempo em que possibilita a organização de percursos e reforça estruturas espaciais, também pode mobilizar memórias culturais e experiências sensoriais. A síntese presente na Figura 04 evidencia como, mesmo em diferentes abordagens, Bofill reafirma a cor como eixo central de sua arquitetura utópica.

Figura 04: Painel síntese dos exemplares.

ASPECTO	WALDEN 7	LA MURALLA ROJA
Paleta principal	Terracota, azul-esverdeado, tons neutros	Vermelho, azul celeste, magenta, violeta
Função da cor	Hierarquizar, orientar e modular	Evocar identidade, construir atmosfera
Aplicação cromática	Estratégica e funcional	Simbólica e emocional
Resposta sensorial	Introspecção, surpresa e profundidade	Envolvimento, exotismo, deslocamento perceptivo

Fonte: quadro elaborado pelos autores (2025).

4. CONCLUSÕES

Na arquitetura de Bofill, a cor não se limita a uma dimensão estética, mas integra-se ao espaço, à função e à experiência. Apesar dos projetos analisados compartilharem paletas cromáticas vibrantes, a aplicação das cores, ora como reforço da geometria, ora como elemento disruptivo, revela estratégias projetuais distintas e diferentes percepções do espaço.

Nesse sentido, o estudo demonstrou que o cromatismo, além de reforçar identidades culturais e simbólicas, configura-se como linguagem projetual essencial, atuando de maneira integrada e polissêmica. Assim, o trabalho contribui para ampliar a compreensão do papel da cor na arquitetura, destacando seu potencial de mediação entre espaço construído, contexto e vivência sensorial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor na Bauhaus:** teorias e metodologias didáticas e a influência da doutrina de Goethe. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 29 jul. 2025.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação.** São Paulo: Edgard Blücher, 1986. Farina (1986); Lenclôs (1995) (1999)

LENCLÔS, Jean-Philippe. **Les Couleurs d'Europe.** Paris: Moniteur, 1995.

LENCLÔS, Jean-Philippe; LENCLÔS, Dominique. **Color of the World: The Geography of Color.** New York: Norton, 1999.

NAJA, Ramzi. Clássicos da Arquitetura: **A Muralha Vermelha / Ricardo Bofill.** ArchDaily Brasil. Tradução de Pedro Belo. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/975524/classicos-da-arquitetura-a-muralha-vermelha-ricardo-bofill>. Acesso em: jul. 2025. ISSN 0719-8906.

NAJA, Ramzi. Clássicos da Arquitetura: **Walden 7 / Ricardo Bofill.** ArchDaily Brasil. Tradução de Eduardo Souza. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/784408/classicos-da-arquitetura-walden-7-ricardo-bofill>. Acesso em: jul. 2025. ISSN 0719-8906.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.** New York: Rizzoli, 1980.